



# Fazer do PSOL semente!

De um novo futuro construído nas lutas com um projeto de esquerda ecossocialista.

Por justiça para Marielle Franco, 5 anos sem jamais esquecer!

## Apresentação

Esta tese reúne as organizações do PSOL Semente: Resistência, Insurgência, Subverta e militantes independentes. Estamos no Brasil todo com um profundo compromisso na luta por um PSOL cada vez mais engajado nas lutas e inserido nos movimentos sociais, mais democrático, participativo e popular. Na defesa de um programa anticapitalista e ecossocialista, por uma governabilidade com o povo, na luta como alavanca de uma outra sociedade e de um novo modelo de desenvolvimento.

## Somos parte daqueles que nos últimos 7 anos não titubearam

Fomos parte do posicionamento correto do PSOL nos temas importantes: rejeitamos visões lava jatistas e em 2016 defendemos a luta contra o golpe sofrido por Dilma Rousseff, com o assalto ao poder de Michel Temer e sua desastrosa Ponte para o Futuro. Em 2018, fizemos parte da campanha Lula Livre e da articulação da chapa mais representativa do PSOL: Guilherme Boulos do MTST e Sônia Guajajara da APIB, primeira indígena em uma chapa presidencial.

## Colocamos a luta contra o fascismo em primeiro lugar

No governo Bolsonaro, a principal tarefa era a luta contra o fascismo, sem economizar esforços para construir frentes únicas de esquerda para resistir. Atuamos na Frente Povo Sem Medo, UNE, Fórum das Centrais Sindicais e demais movimentos. Em 2022, defendemos apoio ao Lula desde o 1º turno com um programa próprio de medidas estruturais: o Direito ao Futuro. Estava em jogo unificar forças de esquerda contra o projeto ecocida e autoritário de ataques à democracia, aos direitos e à Amazônia.

## **Com a linha correta, o PSOL cresceu e precisa continuar a se enraizar**

O PSOL ampliou sua presença no movimento social e elegeu sua maior bancada na Câmara Federal: feminista, indígena e de várias mulheres negras, além de ser liderada por Guilherme Boulos, o mais votado da esquerda. No final de 2022, o PSOL esteve na Comissão de Transição e no último Diretório Nacional daquele ano aprovou duas resoluções: o partido não terá cargos no governo Lula e, no Congresso Nacional, compõe a base da reconstrução do país e enfrentamento à extrema direita, preservando sua autonomia de um programa próprio de medidas estruturais. Estas resoluções também respeitaram a indicação do Movimento Indígena do nome de Sônia Guajajara para o Ministério dos Povos Indígenas, um inédito lugar na reconstrução dos direitos dos povos indígenas no Brasil.

## **Internacional**

Diante dos efeitos da pandemia da Covid-19, com 15 milhões de mortos no globo, as crises se intensificam, especialmente a climática. Há mais desigualdade, violência, caos e aumento da tensão geopolítica. Isto põe em questão a necessidade de uma nova ordem mundial, que venha pela força da mobilização dos povos por outra sociedade e um modelo igualitário, distributivista (que tenha capacidade de distribuir os recursos e riquezas que o planeta já produz) e democrático. Lutas, greves, mobilizações antifascistas e de enfrentamento à agenda neoliberal como na França, contra o ultra-autoritarismo em Israel, contra a crise climática são cada vez mais necessárias.

## **Guerra da Ucrânia e o acirramento dos conflitos geopolíticos**

O grande evento que marca o aumento das tensões é a guerra da Ucrânia, com imenso rastro de destruição. Guerra de agressão que atesta o caráter autoritário e de imperialismo regional do regime de Putin, mas que tem em contrapartida a ação provocadora da OTAN, que estende seu cerco ao Oriente com ajuda militar crescente ao regime de Zelensky. Assim, a guerra assume um caráter inter-imperialista (um conflito velado da Rússia com as potências ocidentais). O pano de fundo é a existência de um mundo mais polarizado, em que os EUA preserve hegemonia econômica e principalmente militar, mas é desafiado pela China, que vem de uma ascensão meteórica desde a restauração capitalista nos anos 1990. Neste sentido, a nossa principal tarefa é a luta pela paz, mas não haverá paz justa pelas mãos da OTAN. Lutas democráticas são necessárias para a paz com respeito à autodeterminação dos povos, que não humilhe e anexe territórios ucranianos e interrompa a expansão militar da OTAN.

## **Crise econômica, climática e a necessidade de um novo modelo**

A crise climática é uma realidade. A ONU informa a previsão de aumento da temperatura média com consequências devastadoras: desertificação, fome, doenças, dezenas de milhões de refugiados climáticos e eventos climáticos mais extremos. O perigo do “ponto sem retorno das mudanças climáticas” vai piorar a vida da população mundial. Junto com isso, a crise sistêmica de 2008 não foi completamente superada. A quebra dos bancos SVB e Signature nos EUA e a quase falência do europeu Credit Suisse, que foram socorridos pelos fundos públicos na tentativa de se evitar uma explosão ampliada do sistema financeiro como em 2008, revelam o perigo de nova crise e choques abruptos. O “neoliberalismo 2.0” expressa um modelo esgotado com ataques aos direitos e salários, subordinação do Estado ao mercado com desmonte da proteção social e destruição da natureza. Um novo modelo precisa ser anticapitalista e ecossocialista.

## **O crescimento da extrema direita como a face política da crise**

O fato político mais importante desta longa combinação de crises é a existência de uma divisão na burguesia que abriu espaço para o crescimento do neofascismo com peso de massas. Este não é um fenômeno passageiro porque se apoia na busca por ampliar a todo custo a superexploração do trabalho e as fronteiras agrícolas, mesmo que isso custe impor golpes, ceifar vidas e destruir o planeta. No nosso continente, Trump e Bolsonaro são as maiores expressões disso, crescendo no desespero da classe média e na frustração de parte da classe trabalhadora desolada e excluída após a onda de reestruturação produtiva, de perda de direitos e de ausência do Estado.

## **A importância da luta antifascista internacional**

Trump e Bolsonaro foram derrotados eleitoralmente mas continuam uma ameaça. A superação do neofascismo como alternativa depende fundamentalmente do choque aberto na luta de classes. Basta ver que outras figuras ultra reacionárias seguem crescendo em escala mundial, inclusive na América Latina. A extrema direita tem raízes internacionais - compartilham a tecnologia de fake news, institutos de formação e empresas financiadoras - e nós precisamos organizar a resistência a nível internacional fortalecendo a luta antifascista e a Frente Única de Esquerda em cada país.

## **Progressismo na América Latina: outra governabilidade é necessária**

As recentes eleições de governos progressistas na América Latina devem ser celebradas, ainda mais porque foram respostas a golpes parlamentares e se deram contra a extrema direita. Novamente, se coloca o debate sobre o perigo de apostar as fichas na governabilidade conservadora em alianças com a direita e setores burgueses e sobre a necessidade de construir outra governabilidade, alicerçada em mobilizações sociais. A recente derrota do processo constituinte no Chile com um crescimento impactante da extrema direita é parte de um quadro de giro ao centro do governo Boric, que perdeu oportunidades de convocar apoio popular e acionar a memória do levante de 2019. Gustavo Petro na Colômbia, mesmo com limites, está indo em sentido inverso: diante da oposição reacionária e chantagens da direita no parlamento, convocou mobilização popular em defesa das reformas sociais que o elegeram e conseguiu aprovar medidas importantes. Sem buscar apoio em mobilizações, frentes únicas sociais, trabalho de base, as derrotas se impõem e geram frustração, recolocando o perigo de retomada eleitoral da extrema direita na região.

## **Uma nova esquerda para disputar a saída das crises**

Uma nova esquerda precisa surgir e se fortalecer, como o PSOL no Brasil. É preciso disputar uma saída positiva para o povo, para a vida no planeta, combater o conservadorismo e no futuro recolocar a possibilidade de revoluções. Três tarefas são centrais para a reorganização da esquerda e um novo internacionalismo, capaz também de fortalecer ferramentas políticas e partidárias anticapitalistas. Primeiro, o caminho estratégico da mobilização. Segundo, apresentar um programa alternativo, anti sistêmico, conectado com as necessidades reais da classe trabalhadora, da juventude, de defesa do meio ambiente e da vida no planeta, de combate ao racismo, à LGBTfobia e xenofobia contra imigrantes, da defesa das mulheres, da luta pelo bem viver dos povos originários, dos direitos sociais e da democracia. Terceiro, superar ideias sectárias e auto-proclamatórias de que alianças com outros partidos de esquerda não são necessárias.

## **Brasil: novos e velhos dilemas**

A eleição de Lula representou uma vitória importante. Com uma eleição polarizada, ficou nítido que o processo político-social mais significativo e profundo dos últimos anos foi o aparecimento e a consolidação de uma extrema direita com peso de massas no país, ca-

pitaneada pelo bolsonarismo. As principais tarefas do PSOL se dão em um cenário onde a luta contra o fascismo continua e o novo governo Lula está emparedado não apenas pela oposição bolsonarista, como também pelo centrão e direita tradicional. Sem que haja luta social, o desfecho pode ser desastroso. O papel do PSOL é defender a legitimidade do novo governo contra o golpismo, construir a Frente Única de esquerda nos movimentos sociais, defender a governabilidade alicerçada na luta social e ter firmeza na defesa de um programa de medidas estruturais para a classe trabalhadora, povos originários, mulheres, negros e LGBT.

## **A sociedade brasileira continua fraturada e polarizada**

A extrema direita tem o apoio de frações da burguesia, como o agronegócio, as Forças Armadas, polícias, a alta classe média e também de parcelas da classe trabalhadora, além de diversos segmentos criminosos (milícias, garimpeiros e madeireiras ilegais). Não se trata apenas de um forte “movimento eleitoral” com agenda conservadora, prefeitos, governadores e peso no Congresso Nacional, mas o quadro é pior: eles “não se enquadram nas quatro linhas da constituição”, atuam por dentro e por fora do regime político com manifestações, motins militares e ameaças golpistas. Trata-se de uma contradição: houve uma mudança qualitativa e pela esquerda no cenário com a eleição do Lula, mas o peso do bolsonarismo e o refluxo das lutas sociais são fatores de continuidade da situação reacionária.

## **Após a invasão golpista, Bolsonaro tem que ser preso e ficar inelegível**

200 mil pessoas estiveram na posse de Lula, símbolo da principal vitória popular em anos. Sete dias depois, a invasão aos Três Poderes mostrou que a extrema direita segue viva. O “Capitólio brasileiro” foi uma tentativa de propagar o caos que justificasse intervenção militar e derrubada do governo eleito. Felizmente, isso não se concretizou, sem apoio ao golpe das principais potências mundiais e de uma parte expressiva da burguesia no Brasil, da imprensa e da maioria das instituições que atuaram para desmontar a ação golpista. A ampla condenação institucional do golpe enquadrou até governos estaduais alinhados ao bolsonarismo e abriu um momento de defensiva para as alas mais radicais da extrema direita. O que foi feito até aqui é importante, mas está longe de ser suficiente para derrotar a extrema direita, como vimos nas dificuldades para instalar a CPI no Congresso Nacional sobre os atos golpistas. A classe trabalhadora precisa entrar em luta para colocar Bolsonaro na prisão e torná-lo inelegível.

## **Lutar pela queda dos juros: Fora Campos Neto**

Lula pressiona pela redução dos juros do Banco Central, presidido pelo bolsonarista Roberto Campos Neto, e vem enfrentando forte resistência de parte do mercado financeiro e da grande mídia. O PSOL corretamente atuou para combater a autonomia do BC - a medida estrutural mais importante para solucionar o problema dos juros - e é necessário também ampliar a campanha pela saída de Campos Neto do BC para pautar a mudança da política econômica herdada de Paulo Guedes.

## **PSOL na defesa dos investimentos públicos, contra o marco fiscal**

O PSOL foi fundamental na defesa dos investimentos públicos. A PEC da Transição já produziu efeitos, mas o novo marco fiscal proposto por Haddad e piorado por Cajado (PP) coloca uma camisa de força fiscalista sobre os investimentos públicos. Tudo que a oposição bolsonarista quer é um governo de mãos atadas e o PSOL, pelo contrário, quer abrir espaço ao investimento em saúde, educação, programas sociais e políticas de reparação. Por isso, o voto contrário ao novo arcabouço expressou a luta pelos interesses do povo pobre e da classe trabalhadora. O crescimento econômico, a ampliação de direitos e empregos, os concursos públicos e a descriminalização da política fiscal, são propostas do programa eleito nas urnas que devem ser cumpridas.

## **Urgência social com fome e desigualdade**

São 30 milhões de pessoas passando fome, 66 milhões vivendo com renda mensal de menos de 500 reais e quase 40 milhões na informalidade. A gravidade do legado bolsonarista ficou evidente na crise humanitária do povo Yanomami, que sofreu um verdadeiro genocídio. Após anos de contrarreformas e terceirizações, cresce também o trabalho análogo à escravidão, tudo conectado ao racismo estrutural, machismo e LGBTfobia.

Uma das maiores expressões disso se deu na pandemia penalizando especialmente trabalhadores desempregados e precarizados. É necessário defendermos a dignidade e a melhoria de condições aos trabalhadores de aplicativos, que são a nova faceta da exploração do capital, e das trabalhadoras domésticas, que são a base da superexploração do trabalho na sociedade brasileira. Não a toa o corpo desses trabalhadores é majoritariamente negro, corporificando a intergração de classe, raça e gênero na sujeição mais violenta do trabalho ao capital neste país marcado por séculos de escravidão.

## **Governo Lula sofre pressão da direita dentro e fora do governo**

Arthur Lira e o Centrão, inclusive partidos de direita que dirigem ministérios importantes, atuam para chantagear e enfraquecer o Governo Lula. O problema estratégico central da conciliação de classes é esse: os aliados da burguesia no governo Lula são traiçoeiros e já provaram isso contra Dilma em 2016. A pressão da direita no Congresso, apoiada em setores do mercado, ajudou a derrubar as mudanças positivas no Marco do Saneamento e agora se traduz no Novo Arcabouço Fiscal. A oposição de extrema direita aliada às Big Techs também bloqueou o PL das Fake News. Não haverá trégua da direita e do Capital.

## **PSOL na defesa de uma governabilidade com o povo e com luta**

Frente a esses dilemas, manter uma governabilidade conservadora só vai levar o governo e a classe trabalhadora a derrotas. Além disso, as concessões já feitas logo no início do governo à direita e ao centrão não estabilizaram as relações entre governo e Congresso. Basta ver que logo após a votação do novo arcabouço fiscal, Arthur Lira e o Centrão buscaram esvaziar o Ibama e os Ministérios dos Povos Indígenas e Meio Ambiente, aprovaram a urgência do PL 490 para destruir terras indígenas, facilitaram o desmatamento da Mata Atlântica e está avançando a anistia aos partidos políticos que descumpriram as cotas de gênero e raça. Ao invés do PT votar a favor destes projetos fazendo mais concessões, deveria estar construindo uma governabilidade pela esquerda, chamando mobilizações. A construção de lutas sociais e preservação da Frente Única é uma tarefa estratégica.

## **PSOL na luta para o governo dar certo com reformas estruturais**

O PSOL precisa firmar dois compromissos: a defesa do novo governo perante ataques golpistas e a defesa intransigente de medidas estruturais que ampliem direitos. O PSOL quer que o governo dê certo do ponto de vista dos explorados e oprimidos e isso significa ser um ponto de apoio para medidas positivas no Congresso Nacional, articulando sempre a apresentação de um programa anticapitalista. Lula conseguiu aprovar medidas positivas que tiveram apoio do PSOL como a continuidade do pagamento de 600 reais do Bolsa Família, a retomada do Minha Casa Minha Vida, reajuste do salário mínimo e das bolsas de pesquisa, mas isso é pouco para tirar o Brasil do mapa da fome e reverter o quadro de desigualdades sociais. Precisamos da ampliação significativa de investimento público na economia e medidas estruturais como a taxação das grandes fortunas e bilionários, protegendo o meio ambiente e a Amazônia, valorizando o papel do Ibama e respeitando seus

relatórios técnicos para limitar o modelo predatório sobre a natureza, como se vê no caso da tentativa de exploração de petróleo na Foz do Amazonas.

## **PSOL deve atuar sem adesismo, nem sectarismo**

O desfecho da situação brasileira está em aberto: se haverá uma recomposição ou enfraquecimento da extrema direita. Há três estratégias em debate na esquerda, tanto em relação ao governo Lula, quanto em relação ao combate à extrema direita - o que se entrelaçam em certa medida. A primeira estratégia é adesista em relação ao governo, o apoio incondicional, mesmo perante as concessões para o bolsonarismo e o grande capital. A segunda é sectária e se concretiza hoje em uma linha de oposição de esquerda ou “nem a direita, nem o PT”. Trata-se de um erro porque rompe qualquer canal de diálogo que articule a defesa das bandeiras imediatas e estruturais com um setor mais amplo de trabalhadores que se referencia no governo. A terceira estratégia, que defendemos, apoia as medidas positivas, sempre defendendo as bandeiras necessárias para mudar radicalmente o país, aposta na mobilização para avançar mais e rejeita medidas que signifiquem retrocessos.

## **Estratégias em debate na esquerda e o combate ao fascismo**

Também em relação ao combate ao fascismo há estratégias distintas. A primeira tem peso no PT e no governo e busca moderação, sem choques abertos, como se o confronto pudesse fortalecê-los - não se descarta fazer acordos para “deixar passar” os delitos cometidos. A segunda parte da subestimação da extrema direita, como se fosse uma força do passado. A terceira estratégia, que defendemos, encara com a máxima importância o combate nas ruas e no parlamento contra o bolsonarismo. O PSOL tem um papel neste combate: ideológica e politicamente. Mas não fará sozinho, precisa unificar a esquerda.

## **Unificar a esquerda na luta**

Nada é mais importante para evitar um novo fôlego do fascismo do que unificar a classe trabalhadora em lutas concretas. A Frente Única continua sendo necessária contra o fascismo e pelas demandas dos movimentos sociais, como na luta contra o Novo Ensino Médio, pelo pagamento do piso da enfermagem, campanhas salariais, defesa do MST, direitos dos povo negro, LGBT, indígenas e mulheres, etc.



## **PSOL com autonomia e independência para atuar**

A esquerda brasileira sabe o custo da institucionalização dos seus partidos, movimentos e lideranças e este processo cobrou caro com a reorganização da direita. O PSOL nasceu para superar este caminho e não para repeti-lo. É verdade que a ofensiva de grupos extremistas foi o fator chave, mas ele se complementa com a baixa capacidade de resistência e mobilização social.

O trabalho de base é decisivo para reconstrução da subjetividade da classe trabalhadora, a construção política cotidiana da retomada democrática nos locais de trabalho e estudo, nos quais a disputa ideológica e política pela consciência de classe está em curso todos os dias e deve ser a nossa prioridade.

Em dezembro de 2022, o partido aprovou duas resoluções no Diretório Nacional. A primeira informa que o partido não terá cargos no novo governo, preserva sua liberdade de ação e crítica, defende a legitimidade do novo governo, combate a oposição de direita e extrema direita. A segunda informa que o PSOL é base do governo no Congresso Nacional, sem perder sua autonomia - como se viu no lançamento do Chico Alencar à presidência da Câmara contra Arthur Lira e no necessário voto contra o Arcabouço Fiscal.

A história do PSOL foi construída com base na independência de classe e deve continuar assim, esta é uma ferramenta poderosa para cumprir o papel de partido de uma nova esquerda comprometida em primeiro lugar com as necessidades do povo, das mulheres, da negritude, das LGBTs, dos povos indígenas.

## **2024: um possível 3º turno contra a extrema direita**

É importante nos prepararmos para a hipótese de que as eleições de 2024 sejam um palco de disputa contra a extrema direita com continuidade da polarização, como um 3º turno de 2022. Em São Paulo, o desafio é nacional e decisivo, porque precisamos organizar uma grande campanha de Guilherme Boulos. O PSOL deve lançar um programa para mudar as cidades e preparar nossas próprias candidaturas, bem como negociações de possíveis frentes com partidos de esquerda onde houver essa possibilidade.

## **Um programa do PSOL para mudar o Brasil**

Lutamos por um programa com mudanças estruturais para uma autêntica reconstrução de um país soberano, independente e socialista. O programa é um instrumento de orga-

nização, mobilização e, sob a vigência do governo Lula, de pressão para deslocar o país na direção das reivindicações populares. Também das tarefas históricas e atuais, capazes de romper com a herança maldita de desigualdade, da escravidão e dos genocídios. Superar o legado do golpe é o primeiro passo para avançar em um programa de esquerda do século XXI, de natureza anti-imperialista, anticapitalista, internacionalista e ecossocialista.

## **Direito ao Futuro e “Revogação”: iniciativas importantes**

Reivindicamos o esforço coletivo partidário que resultou no Programa Direito ao Futuro, programa de governo do PSOL em 2022 e que contribuiu nos debates para a formação do programa da candidatura Lula. No mesmo sentido, as medidas propostas pelo “revogação” elaborado pela FLCMF elucida medidas para retirar o entulho do golpe. Nosso VIII Congresso do PSOL deve definir uma agenda e um encaminhamento para atualização programática.

## **Por um outro modelo de desenvolvimento**

Uma nova esquerda para o século XXI não pode separar economia e natureza para construção de um novo modo de produzir e viver nesse planeta. A emergência climática impõe a necessidade estratégica mais urgente de uma transformação sistêmica e estratégica do funcionamento da sociedade, que não pode ser outra que não uma transição ecossocialista. Um processo de mudança social que contemple uma profunda transição energética e produtiva na direção de substituir o uso de combustíveis fósseis por energias renováveis, realizando uma profunda reforma agrária agroecológica, uma profunda reforma urbana que dê conta de equacionar a demanda pública por habitação (acabando com a especulação na utilização do solo urbano), universalização do saneamento e do acesso à água, expansão e diversificação dos modais de transporte público.

Uma transição que dê conta de zerar todo o desmatamento predatório das florestas e matas, acabe de vez com o garimpo ilegal, combata o envenenamento das águas e realize a demarcação definitiva das terras indígenas e quilombolas. Nesse sentido é necessário defender de forma intransigente todas as terras quilombolas demarcadas ou em processo de demarcação, por isso é tão central enfrentarmos os ataques da Base Espacial de Alcântara aos Quilombos do Maranhão. O avanço na demarcação das terras indígenas é um dos meios mais efetivos para proteger florestas e regenerar biomas, garantindo justiça e reparação para nossos povos originários. Por isso a luta contra o Marco Temporal é uma obrigação de todes que lutam por um novo mundo justo e ambientalmente protegido.

## **Medidas estruturais para mudar radicalmente o Brasil**

Para empurrar o país à esquerda no sentido das mudanças estruturais, para as tarefas históricas, as medidas mais urgentes são: a) aprovar uma reforma tributária progressiva, que taxe prioritariamente os ricos, os lucros do Capital e as grandes fortunas e isente o IR de pessoas com renda até 5 mil reais; b) reverter privatizações, a começar pela Eletrobrás e por uma Petrobrás 100% pública e estatal em condições de investir em transição energética, com aumento qualitativo e amplo investimento em Ciência e Tecnologia; c) a revogação das contra-reformas que esfolam direitos da classe trabalhadora, como são os casos das reformas trabalhista e previdenciária, um legado nefasto.

## **Brasil se transformando em República de direitos**

Do ponto de vista da economia, o mais importante é caminhar para romper com a lógica neoliberal, dos tetos de gastos, do Estado Mínimo. O Brasil precisa de um choque de Estado, de gastos para combater a desigualdade, de amplos investimentos na Saúde e Educação públicas de qualidade. O verdadeiro arcabouço que o Brasil precisa é o social, que prioriza as necessidades da população e de toda a classe trabalhadora e não dos rentistas, dos parasitas dos juros da dívida pública. É preciso compreender as profundas mudanças regressivas no mundo do trabalho dentro da lógica neoliberal. Uma profunda reestruturação que gerou a extrema precarização, fragmentação e “uberização” da classe trabalhadora. Queremos uma política econômica que parta da ruptura com a agenda liberal e do mercado, da reversão da superexploração do trabalho para iniciarmos uma autêntica reconstrução do país no sentido de que o Brasil seja uma verdadeira República de direitos.

## **Um programa feminista, antirracista, LGBT e anticapacitista**

Um programa para mudar o Brasil precisa ser profundamente negro, feminista e LGBT, incluir os povos originários, e assim refletir a maioria da classe trabalhadora e enfrentar aspectos estruturais de extermínio e genocídio que fazem parte do capitalismo brasileiro com sua herança colonizadora, da escravidão e do extermínio dos povos originários. O PSOL precisa fortalecer campanhas pelo fim do genocídio da negritude, à igualdade de direitos sociais, ao fim da violência contra as mulheres, ao direito ao aborto legal, ao fim da perseguição e à plena emancipação de direitos para a população LGBTQIA+.

A guerra às drogas tocadas há décadas só gerou o genocídio do povo negro, especialmente jovens negros, atingindo famílias e comunidades lideradas em sua maioria por mulheres

negras. Lutar contra as políticas de encarceramento em massa, que cresceram durante governos do PT em nível federal e em muitos estados do Nordeste, é fundamental na garantia dos direitos humanos. Lutar pela legalização e regulamentação das drogas é a maneira mais efetiva, provada internacionalmente, de tratar da questão da violência relacionada ao tráfico e as questões de saúde pública.

O PSOL, além de ter um papel fundamental na luta contra a opressão da classe trabalhadora, mulheres, negros, LGBTQIA+ e povos originários, também deve ter atenção para as pessoas com deficiência. Estas, no regime econômico vigente, encontram-se subjugadas, marginalizadas e excluídas do meio social. É fundamental lutar pela elaboração e implementação de políticas públicas que deem visibilidade e direitos às pessoas com deficiência, com o intuito de torná-las autônomas e participativas na sociedade.

## **Democratizar o poder**

O PSOL precisa ir além na radicalização do poder com participação popular direta. Incluindo mecanismos de consulta popular e plebiscitários nos debates sobre orçamento, com conselhos e conferências populares participativas e deliberativas, além de lutar pela democratização e regulação social dos meios de comunicação e das redes sociais. Também defendemos uma política externa solidária com a luta dos povos contra todo tipo de opressão, xenofobia e exploração como parte de uma política de relações internacionais soberana e independente.

## **Balanço do PSOL: avanços no último período**

Os acertos políticos desde o golpe de 2016 foram possíveis pela unidade do PSOL Semente com o PSOL Popular, o PSOL de Todas as Lutas. Além do crescimento do partido, também observamos que o Diretório e a Executiva Nacional conseguiram ter um funcionamento mais orgânico, bem como diversos diretórios estaduais e municipais, ainda que não tenhamos avançado numa regularidade, funcionamento e organicidade de instâncias de base. A Caravana do PSOL pelos estados e iniciativas da FLCMF merecem destaque, bem como o lançamento do programa Direito ao Futuro e a Conferência da Amazônia. Outro avanço importante foi a criação de uma Secretaria de Segurança Militante que precisa de investimento para preservação da vida e militância de nossos camaradas parlamentares e figuras públicas. A Setorial de Negritude voltou a funcionar com acompanhamento de uma comissão da Executiva Nacional. Isso proporcionou a organização do Encontro de

parlamentares negros do PSOL; a construção da Rede Nacional de Parlamentares Negros; e a retomada da organização do Encontro Nacional de Negros e Negras, que definirá os marcos da utilização do fundo partidário de 5% para o setorial, um passo fundamental para o enegrecimento de todo o partido, sua direção política e figuras públicas.

## **Medidas democráticas para seguir avançando**

Propomos as seguintes iniciativas para democratizar a estrutura e o funcionamento partidários:

- a)** Campanha nacional para dar vida aos núcleos de base do partido, buscando enraizamento social, autofinanciamento e melhor intervenção na luta social.
- b)** Avançar na segurança de toda a nossa militância, articulando que as nossas bancadas parlamentares incluam profissionais da área de segurança pública, vinculados a ideias de esquerda e progressistas, de defesa da democracia e de direitos humanos.
- c)** Gestão proporcional, entre todas as chapas representadas na direção, dos fundos setoriais e do fundo partidário como um todo, com prestação de contas periódicas à base.
- d)** Regulamentação dos setoriais, respeitando a autonomia política e organizativa, desde que se mantenham nos marcos do programa e das resoluções partidárias.
- e)** Participação dos parlamentares nas instâncias dirigentes do partido, para melhor articular a intervenção. Boletim mensal da bancada federal à base partidária.



CONGRESSO do

**PSOL**

BRASÍLIA / DF | 29/09 a 01/10